

Das sistematizações às fronteiras, limiares e aforismos

Jairo Ferreira

Potiguara Mendes da Silveira Jr.

Este número da revista *Questões Transversais* estabiliza o que já vem sendo a sua normal preocupação em termos de foco: da discussão sobre o campo (no artigo de Laan de Barros) aos métodos e metodologias de investigação, ligando-se, sempre, pela reflexão sobre seus objetos. Essa separação é formal, pois, em cada tópico, há o outro.

O trabalho de Laan Mendes de Barros é o esforço que vem caracterizando as discussões de epistemologia da comunicação, desde os trabalhos clássicos aos livros de teorias da comunicação: a sistematização. Faz isso e, ao mesmo tempo, busca inferências e posições próprias para essa sistematização, ou seja, coloca-se no interior da agonística que busca sistematizar. São duas questões que orientam seu esforço: “Qual a dimensão (ou dimensões) estética dos fenômenos comunicacionais? Que importância tem sido dada à Arte e à Estética na construção de nosso campo de estudos e na formação de comunicadores e comunicólogos?”

O texto de Marcelo Kischinhevsky e Cláudia Figueiredo Modesto, o segundo, é argumentação sobre o lugar da comunicação radiofônica (conforme diz o seu título). No recuperar essa que parece ser uma peça de museu nos debates, investigações e projetos na área, os autores enfrentam, ao mesmo tempo, as tensões teóricas na área, especialmente aquela entre as perspectivas de mediação e mediação. O que vai costurando seu argumento é o ângulo da interação. Essa articulação entre o objeto da comunicação radiofônica e as perspectivas teóricas se alimenta das novidades trazidas pelas práticas sociais em rede – em especial, as digitais, as críticas e os embates em torno do lugar da recepção. Suas questões são: “Qual a especificidade do rádio? Como as mediações sociais, políticas, econômicas e culturais incidem sobre o meio? Que práticas interacionais emergem no contexto de um rádio expandido? Como apreender o radiofônico para além da enunciação?”

Paulo Masella nos traz Lotman em agonística com a perspectiva sistêmico-informacional e as teorias críticas, como uma solução para o que identifica como impasses dessas duas formulações. Em seu argumento, a semiótica da cultura é congruente com sua hipótese que sugere um lugar de observação privilegiado para a percepção dos conflitos nas zonas de fronteira entre sistemas estabiliza-

dos em memórias, ideologias e práticas: “[...] o que deve gerar diversidade não é a abundância, mas a qualidade do processo comunicacional, que depende de um equilíbrio entre o papel conservador que desempenha a memória e a função multiplicadora que exerce a fronteira, ou seja, entre a homeostase que busca manter a estrutura do sistema e o caráter entrópico da fronteira”, diz Masella.

O operador semântico *fronteira* parece próximo, por diferença, a outro no artigo seguinte, de Florence Dravet e Gustavo de Castro, sendo substituído: “A razão-poesia não trabalha com a noção de fronteira, mas de limiar. O limiar é uma zona, espaço de mudança, passagem e flutuação”, dizem os autores. É esta transição que se propõe como objeto de investigação ao campo da comunicação, rompendo tanto com os limites do tempo como de espaço, o que pede a quem nele se situa um lugar de poeta-pensador ou de razão-poesia. Nesse limiar da epistemologia, sugerem os autores, está a capacidade de ver os limiares, para além das fronteiras.

A metáfora da ligação entre “mundos semióticos diferenciados” está também presente no artigo de Luciana Moretti Fernández, que transita por uma sólida argumentação, articulando indução e abdução como centrais na construção do objeto em pesquisa empírica, numa metodologia agenciada pela *Grounded Theory*. Por esse viés, Luciana procura romper com dois movimentos argumentativos: sucumbir à imersão ou acionar mecanismos automáticos de interpretação herdados. Essa argumentação ganha riqueza quando faz a tensão com os empíricos descritos, materiais de sua pesquisa, onde o dilema se coloca num plano em que a interpretação é um fenômeno da linguagem sobre as linguagens.

Para finalizar, também na perspectiva da abdução, temos o artigo de José Luiz Braga, que encaminha uma proposta de compreensão do aforismo como método. “Na reflexão aforística, ao reverso de fazer o texto para informar o conhecimento posto, rastreia-se o conhecimento pela escrita”, afirma conclusivamente o autor. Aqui, o trabalho sobre os textos aforísticos é visto como parte do processo de produção do conhecimento, quando adjunto a um tema ou questão em uma área em que o conhecimento não está sistematizado, ou quando é o novo em espaços em que a ciência é normal.